

UM MÉTODO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: CARTOCULINAR

Patrícia dos Santos Costa de Oliveira¹

Sônia Regina da Luz Matos²

Verônica Domingues Almeida³

Resumo: Como se movimenta o *cartoculinar* como método de uma pesquisa? Essa questão, cerne do presente texto, provoca os processos inventivos no campo da metodologia de pesquisa em Educação. O *cartoculinar*, como parte de uma pesquisa cartográfica de mestrado, tem como chave pós-estrutural o movimento junto a conceitos de autores, tais como: os brasileiros Costa (2014) e Corazza (2020), os franceses Guattari (1987) e Barthes (1984), e trabalha no intuito da possibilidade inventiva de um método de pesquisa estabelecido no território cartográfico da escrita em meio à culinária baiana, roubada da obra literária de Jorge Amado (2012). Essa cartografia entra pelo tema de pesquisa tensionando a escrita da função de uma coordenação pedagógica baiana, em meio a vieses da Educação e do texto institucionalizado que rege suas práticas. Indica-se o método *cartoculinar* como possibilidade de constituição de metodologias de pesquisa pensadas de modo insurgente e autoral, a fim de potencializar textos com fluidez e explorar intensidades da escrita extraída do fazer literário.

Palavras-chave: Cartografia. Coordenação pedagógica. Metodologia de pesquisa em educação.

A RESEARCH METHOD IN EDUCATION: CARTOCULINARY

Abstract: How does cartoculinar, a method designed exactly to this presente research, work? This question intends to make inventive processes in the field of research methodology in Education. The cartoculinar, as part of a master's cartographic research, has as its post-structural key the movement

-
- 1 Mestra em Educação, pedagoga e integrante do grupo de pesquisa Pedagogia da Diferença; faz parte do grupo do CNPq Educação, Filosofia e Multiplicidade pela Contemporaneidade, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), RS. Coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Ensino em Lauro de Freiras, BA. E-mail: pscoliveira@ucs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2253-2908>.
 - 2 Pós-Doutora em Filosofia, Arte e Estética – Paris 10, doutora em Educação (UFRGS/Lyon2), professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul – UCS. E-mail: srlmatos@ucs.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3946-5628>.
 - 3 Doutora em Educação, professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, líder do FIARE/UFBA/CNPQ (Grupo de estudos e pesquisas em Filosofia, Arte e Educação). E-mail: veedomingues@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5232-3838>.

-- ARTIGO RECEBIDO EM 24/10/2023. ACEITO EM 15/12/2023. --

together with the concepts of the authors, such as: the Brazilians Costa (2014) and Corazza (2020), the French Guattari (1987) and Barthes (1984), it is which works towards the inventive possibility of a research method established in the cartographic territory of writing in the midst of Bahian cuisine, from the literary work of Jorge Amado (2012). This cartography enters the research theme, tensioning the writing of the function of a Bahian pedagogical coordination, amid the biases of Education and the institutionalized text that governs its practices. The cartoculinar method is indicated as a possibility of establishing research methodologies designed in an insurgent and authorial way, in order to enhance fluid texts and explore intensities of writing extracted from literary work.

Keywords: Cartography. Pedagogical coordination. Research method in education.

INTRODUÇÃO

Este texto aparece como transbordamento do método de pesquisa inventado e utilizado no percurso cartográfico de uma investigação de mestrado⁴. O referido estudo tangenciou a tensão entre a escrita instrumentalizada inerente à função⁵ da coordenação pedagógica e a maneira fulcral de como tais textos são efetivos para suas atribuições. Foi provocada, em meio à fruição do texto, especialmente, a Lei Municipal nº 1.375/10 (Lauro de Freitas, [2023]b)⁶, que, na proposta, aparece dissecada em sua estrutura de texto instrumentalizante (Borges, 2018). Atravessada pela vazão literária baiana de Jorge Amado (2012), escritor modernista brasileiro da geração de 1930 e conhecido pela potente escrita ficcional regionalista, a referida investigação foi tecida tomando a culinária pela literatura jorgeamadense⁷ em diversas manipulações de ingredientes tipicamente baianos.

Diante disso, e levando em consideração que a pesquisa em educação, “para além dos caminhos já desvelados por outros estudiosos, pesquisadores têm se desafiado a criar suas próprias maneiras de pesquisar, sem excluir, nesses percursos, o rigor necessário à qualificação do que se produz dentro de um campo cujos saberes são maleáveis” (Almeida, Sá e Zordan, 2020, p. 9), este artigo, parte do estudo de mestrado acima mencionado, com o objetivo de expandir o pensamento sobre a possibilidade inventiva de método na pesquisa em Educação. Cabe dizer que, embora derivado de um recorte que faz parte do compósito do referido estudo, não objetiva aqui, tratar dos aspectos conceituais propriamente sobre o tema da escrita da coordenação pedagógica.

4 A pesquisa é intitulada *Uma coordenação pedagógica e sua escrita*, inscrita no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, na linha de pesquisa História e Filosofia da Educação (Oliveira, 2022).

5 O termo função diz respeito ao cargo da coordenação pedagógica, conforme art. 67, §2º da Lei nº 9.394/96 (BRASIL, [2023] a), e faz “referência aos textos que são inerentes ao fazer pedagógico dentro da posição de coordenar” (Oliveira, 2022, p. 29).

6 A Lei Municipal nº 1.375/10 estabelece as atribuições da coordenação pedagógica na Rede Municipal de Ensino (Lauro de Freitas, [2023] b).

7 O termo jorgeamadense nesta escrita concerne à literatura *Gabriela, Cravo e Canela* (2012), de Jorge Amado.

Com efeito, aborda o *cartoculinar* como tentativa cartográfica de produção de pesquisa que escoa em uma escrita transgressora para os moldes de pesquisa cientificamente positivista, uma vez que se afasta das regras de composição clássica do projeto (introdução, justificativa, metodologia, desenvolvimento, resultados, discussão e conclusão), e é constituído na iminência de uma escrita memorialística, qualitativa e detentora de tons de literalidade.

Tendo em vista que “[...] em qualquer um de seus âmbitos, uma pesquisa requer métodos e todo método, enquanto operação de pensamento, não se aparta de uma filosofia [...] tratar de metodologias é pensar o que vem a ser o conhecimento, bem como a própria constituição dos planos conceituais implicados na existência dele” (Almeida, Sá e Zordan, 2020, p. 9). Assim, o *cartoculinar* se faz enquanto processo cartográfico, na inventividade do texto que, simultaneamente, movimentava a pesquisadora em práticas distintas de investigar a escrita característica do cotidiano da função da coordenação pedagógica, o que era parte do seu repertório de vivência, enquanto autoriza é influenciada pelo ritmo de receitas da culinária baiana.

A inserção de tal texto como parte das pesquisas que transitam pela Filosofia da Diferença nos convida a abraçar a literatura como fonte de expansão da escrita, uma vez que permite a artistagem (Corazza, 2009) como aquela que libera o fluxo de pensamento e põe-nos a pensar através das experimentações. Nesse escopo, portanto, há o cruzamento com a literatura de Paloma Amado Costa (1997; 2003), aquela que transita por diversas obras de seu pai, Jorge Amado, permitindo-nos compartilhar uma especificidade cartográfica entre a literatura e a escrita acadêmica.

A cartografia ocorre do ato de cozinhar a partir das mesas e dos sabores, dos aromas e das texturas da culinária de personagens de Jorge Amado (Costa, 1997; 2003) com destaque específico à personagem Gabriela (Amado, 2012), a qual concatena a personalidade criativa – na culinária – com o assumir das liberdades de seus sentimentos e de suas emoções.

As autoras, vinculadas à referida investigação como pesquisadoras, visam narrar o processo inventivo do método de pesquisa que ganha expressão pelo ato de *cartoculinar*, verbo criado em meio à investigação e que nomeia a ação do fazer pesquisa cartográfica tomando a literatura como mote disparador de escrita e a densidade da culinária baiana como texto injuntivo, mas carregado de potentes aberturas para o cruzamento com o texto da função da coordenação pedagógica.

São destacados dois movimentos de vinculação simultâneos – tanto com a cartografia, como repertório dos percursos das potências e das intensidades que foram ocorrendo junto com a inventiva experiência de cozinhar escrevendo; quanto com a culinária de receitas tipicamente baianas que são cozidas durante a feitura dissertação. Importante contextualizar que aqui se está, até então, falando de um texto atravessado pela literatura e pela culinária, mas sua profundidade e sua originalidade como produto acadêmico também devem grande apreço às fotografias que atuam no compositório do estudo, pois, enquanto a autora “pesquisa e cozinha” (Oliveira, 2022), registra imagens dos processos e dos pratos que são, por fim, dissecadas literariamente partindo da singularidade da fotografia como meio de

expressão visual, operando no método cartoculinar a ação de *punctuns* – o punctum, para Roland Barthes (1980) acolheria os detalhes que, em uma fotografia, envolvem o espectador emocionalmente, de modo profundo e individual.

Daí o jogo de leituras possíveis para o texto cartoculinado: não seguem das fotografias explicações, mas escorrimientos literários que povoam um imaginário da escrita, da culinária, da literatura de Jorge Amado (2012), e da própria personalidade de Gabriela, os quais atravessam a escrita burocratizada (Borges, 2018) da coordenação pedagógica traçando este paralelo de fruições sociais do texto – para o simples exercício e manutenção de atribuições e de cargos e para a problematização de uma escrita que nem sempre cumpre seu fim de modificadora de realidades.

O cartografado passa a ser visto de duas formas distintas, mesmo que juntos permaneçam: pela subjetividade, o *punctum*, a cena é olhada como corte, espicaço, detalhe, o acaso que nos toca com força própria; e pela objetividade, o *studium*, em que a cena é vista pela amplitude estática cultural que lança ao gosto político. Logo, a fotografia é notada pelo íntimo de um corpo que opera e reopera sobre ela e, também, pelo vasto saber político-cultural (Barthes, 1984) dando vazão a uma escrita sensivelmente poético-literária que arrasta aroma, paladar e textura da culinária baiana. Prontamente, faz aliança com essas duas possibilidades de olhar as fotografias no processo que vai se misturando cada vez mais em autorização à “mistura com o que [se] pesquisa” (Costa, 2014, p. 71), se ocupando com mutações na tessitura da escrita.

Nesse processo de manipulação, a fotografia atua especialmente como “sentimento, a fim de [...] aprofundá-la, não como uma questão [...], mas como uma ferida” (Barthes, 1984, p. 39), como um ponto sensível à invenção. Vem com autorização barthesiana como parte do *cartoculinar* dando sobrevoos de escritas e inventando realidades. De modo que, no corpo pesquisal as imagens do cartografado são tanto capturadas pela coordenadora-pesquisadora, ora fotógrafa, quanto por ela observadas e consumidas.

Portanto, é feito um recorte para que as páginas que sigam mostrem a experimentação do método de fazer pesquisa que tomou a culinária pela literatura, a fim de tensionar a escrita instrumentalizada da coordenação pedagógica, que tende a ser fortemente atrelada a protocolos de organização, os quais acenam à uniformização de estratégias de escrita (Borges, 2018). O *cartoculinar* se configura como uma reivindicação aos limites impostos por cotidianos da coordenação pedagógica que fazem com que seus textos assumam papéis de manutenção de posições (hierárquicas e sociais), sem que, efetivamente, estejam impactando na função política e crítica da escrita viva.

Introduzido sucintamente a proposta, assume-se, a partir de então, algumas marcas da dissertação, características do método como estratégia de escrita imposta pelo ato de *cartoculinar*. Neste estudo, a pessoa do discurso passa a ser majoritariamente a primeira pessoa, oscilando em pequenos trechos teóricos em que a linguagem referencial é necessária. A oscilação na conjugação de verbos e no uso de pronomes é, também, traço cartográfico, na medida em que a vida da coordenadora-

pesquisadora⁸, em suas potências maiores ou menores, vai colaborando para que se faça uma minúscula escrita, um texto de amálgama, um pulsar de literatura em contraste à uma escrita de muitas repetições e decalques – a da função de uma coordenação pedagógica – que, na investigação, passou a ser considerada como texto que pode ultrapassar a protocolização e aproximar-se mais de quem o escreve e o usa, efetivamente, colaborando para efetivas ações modificadoras da educação e não somente como recursos teóricos de manutenção de espaços.

Além disso, a presença com as demais autoras-pesquisadoras denota e intensifica o acolhimento à possibilidade de ruptura com metodologias generalizadas e prescritivas no campo da Educação. A proposta de invenção de um método pautado em um rigor outro (Macedo, Galeffi e Pimentel, 2008) e marcado de modo próprio de pesquisar (Zordan, 2014), ou seja, que se distancia dos cânones tradicionais da ciência clássica, é uma marca de resistência inerente às Filosofias da Diferença em suas ressonâncias na Educação.

Considerando que “abandonar as prescrições de métodos universais sugere um jogo entre Ratio e Sensum no qual não se aguarda a supremacia de um dos lados, mas um elã que implica em uma dialogia entre o sedimentado e o emergente e o sentir e o pensar” (Almeida, 2020, p. 44), o *cartoculinar* é a própria feita do estudo científico e das receitas culinárias Jorgeamadenses (2012). Esse é o processo do qual a cartografia extrai ideias, sensações das leituras dos textos, assumindo outras linhas da escrita para o presente texto.

Para apresentá-lo, primeiro, situamos o território cartográfico do *cartoculinar*; depois, apresentamos como ele se constitui; e, por fim, narramos o seu funcionamento em uma pesquisa, em vias de dar vazão a uma fluidez que vai se fazendo pelo efeito de duração do que se passa na cartografia da autora - enquanto a coordenadora-pesquisadora experimenta as receitas culinárias e pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

Território Cartográfico

Essa, história de amor - por curiosa coincidência, como diria dona Arminda - começou no mesmo dia claro, de sol primaveril em que o fazendeiro Jesuíno Mendonça matou, a tiros de revólver, dona Sinhazinha Guedes Mendonça, sua esposa, expoente da sociedade local, morena mais para gorda, muito dada às festas de igreja, e o Dr. Osmundo Pimentel, cirurgião-dentista chegado a Ilhéus há poucos meses, moço elegante, tirado a poeta. Pois, naquela manhã, antes da tragédia abalar a cidade, finalmente a velha Filomena cumprira sua antiga ameaça, abandonara a cozinha do árabe Nacib e partira, pelo trem das oito, para Água Preta, onde prosperava seu filho (Amado, 2012, p. 9).

8 Utiliza-se a expressão “coordenadora-pesquisadora” em referência a uma das autoras que assumiu postura de cartógrafa enquanto sujeito pesquisante (Oliveira, 2022).

A epígrafe acima é um recorte literário que nos remete a pensar em um final: depois da tragédia dos tiros e da cozinheira Filomena ter abandonado o restaurante do árabe Nacib, nas vésperas de um jantar encomendado, é que Gabriela, mulher sertaneja retirante, aparece na cena. Encontrada no chamado “mercado de escravos”, lugar de procura de emprego de muitos retirantes, a protagonista assume com maestria um espaço ocioso, passando a experimentar feitura com os ingredientes que têm em mãos: feijão-fradinho, pimentas, azeite, frutas... faz acarajés servidos em tabuleiro, carurus aveludados, abarás que reluzem seu amarelo como sol. Gabriela, da cor e do cheiro do cravo e da canela, lança-se ao acaso nas tentativas culinárias, traçando passos – algumas vezes sem certezas – mudando temperos, adicionando aqui, tirando acolá, abusando da liberdade, das suas convicções, da beleza e da sensualidade - qualidades que têm de sobra.

O agir livre e violador de Gabriela (Amado, 2012) influencia pensar as delimitações do eixo de criação que movimenta o método porvir. Captando que tal agir está na essência do que é uma pesquisa nômade, experienciamos um movimento com a culinária pela literatura. O texto é costurado de encontros, o que retoma o apreço pela cozinha – despertando na pesquisadora baiana narrativa afetiva de tempos em que era criança e morava em uma casa de memórias. Unir essas paixões na pesquisa ressoa como ação, aparentemente, inocente. No entanto, a força desse espaço passa a habitar o desenrolar da investigação e o cozinhar vai se configurando como uma forte característica do método *cartoculinar*. Um meio de movimentações de potências, carregado da regionalidade de um povo marcado pela história, pela política, pelas possibilidades produtivas da paisagem geoeconômica, pelos costumes da comunidade e pela demarcação do preconceito étnico-racial.

Desse modo, o território cartográfico do método toma como corpo geográfico o estado da Bahia, lugar em meio a tantas e variadas riquezas culturais, de onde dispara a culinária regional por meio da literatura Jorgeamadense, em uma geografia que atravessa a subjetividade cartográfica de quem escreve, enquanto nordestina e baiana, de onde se evoca uma política de texto. Dessa geografia, há uma autorização à entrada da culinária no texto como parte e constituição do método, passando ela a ser espaço de extravasar a subjetividade e fomentar a mobilização de diferentes estruturas imagéticas e textuais que desvelam uma tentativa de ordem estética, política e ética de fazer pesquisa em educação: uma transcrição como possível de desfazer permanente dos saberes, das condutas, das próprias subjetividades, em face de pesquisar, ensinar e aprender de modo inventivo-criativo (Corazza, 2002).

A metodosofia (Corazza, 2020), pois, objetiva a construção de um plano de consistência que opere pró-combate entre as forças científicas e de experimentação. Matos (2022) pontua que a desnaturalização do método afim ao *logos* academicista e protocolarizado é necessária na tangência da possibilidade inventiva de um método que aja por meio de signos, em sua materialidade e imaterialidade.

Com efeito, abrem-se possibilidades à escrita da função de uma coordenação pedagógica, tramando traços da experimentação (Matos, 2022), movimentar forças macropolíticas e micropolíticas (Guattari, 1987) – quanto atravessada pelas

questões institucionais que serializam, mecanizam e padronizam não só a maneira de dispor as palavras no papel, como também, a própria execução do coordenar em medidas exatas de prescrição; e quando nessa macroação, movimenta microescritas ao instaurar escritas sensíveis como atos políticos, que podem escorrer sentimentos e pensamentos. São interdependentes em seu fazer, a função da coordenação pedagógica e a escrita. Diante disso, do método *cartoculinar*, fendem-se possibilidades para mobilizar subjetividades, para olhar os enrijecidos sustentáculos da funcionalidade de uma coordenação pedagógica instrumentalizada. Aqui, falamos em uma experiencição constante do fazer de pesquisa em meio à culinária pela literatura baiana.

Podemos dizer que os processos que acontecem na cozinha são parte da pesquisa não só na teoria, mas na prática da manipulação de ingredientes que saem da literatura e ganham força ao serem manipulados e capturados em fotografias, as quais são partes das experiências do referido método que vai se fazendo pelos sobrevoos de escrita e, ainda, visualmente. Uma culinária pelos movimentos jorgeamadenses permite um degustar provocante, à espreita dos cheiros, dos gostos, das cores e da textura dos ingredientes que movimentam os pratos baianos.

É nesse provocante movimento pesquisante de experimentar e mostrar que se pode pensar que em cada “texto há uma política que o anima, um sopro político insuflado por forças que concorrem e que, por vezes, se complementam” (Costa, 2017, p. 23) que o método criado possibilita uma provocação para acionar escritas que cambiam o naturalizado no tocante ao caráter que as alimenta frente aos textos acadêmicos.

Trazendo essas escritas para os espaços da coordenação pedagógica, podemos pensar que lhes são inerentes, sendo os textos instrumentalizados pela comunicabilidade da burocracia pedagógica que se interrelacionam nesses espaços e calcados estão em protocolos de organização que “transmitem não apenas as diferentes formas de controle como também a mensagem de confiabilidade de aplicação” (Borges, 2018, p. 15). Esses protocolos são elementos de dominação que circulam livremente entre os indivíduos, instaurando um *modus operandi* de escrever, legitimando um funcionamento homogeneizado para a escrita, uma vez que não somente as características linguísticas dos gêneros textuais se mantêm, mas seu papel social torna-se esvaziado, uma vez que agem como balizadores para manutenções hierárquicas e denotações de atribuições da função da coordenação.

Considerando isso, o *cartoculinar* traz a possibilidade de um escrever movimentando as situações do dia a dia, potencializando a escrita com ímpeto para um fazer de pesquisa autoral, lançando-a ao acaso pelas curvas itinerantes sem buscar respostas pré-pensadas. Assim como Gabriela (Amado, 2012) abre-se para as intensidades de seus desejos, esse método circunda uma escrita viva, que se inventa enquanto experimenta a cozinha.

Microrreceitas e Método

O *cartoculinar* comunga com a subversão ao naturalizado na medida em que os ingredientes culinários Jorgeamadenses passam a coexistir com a experiência da pesquisa, abrindo fendas para que esses ingredientes ganhem sabores próprios e a escrita torne-se de injuntiva para uma prescrição mais passível de mudanças – na adição ou subtração de ingredientes, na composição de sabores pelos encontros de ingredientes e na substituição de uma etapa por outra se movendo pela invenção.

É escolhida em meio a uma infinidade de possibilidades de uma cozinha rica e diversa, a lascívia baiana mesclada – três ingredientes-chave, os quais arrastam o corpo pesquisal: o azeite de dendê, a pimenta e o coco, três marcas culturais tanto da culinária como do comportamento baiano, atravessando os fazeres dos sentidos, em meio às feitura das cozinhas que exaltam cheiros, cores, sensações, memórias afetivas (Amado, 1977).

O primeiro ingrediente ressoa como uma recuperação histórica da Bahia na medida em que, trazido pelos africanos durante o moroso período da escravidão, embrenhou-se pelos cozimentos diversos de comidas que ressoavam aromas marcantes e cores marrom-avermelhadas. O azeite de dendê é marca do sabor e do colorido da cozinha baiana que embeleza os aveludados quitutes de Gabriela (Amado, 2012). A pimenta é inconfundível em sua pluralidade em colorância – tons, tamanhos, espessuras e sabores em surpresa, adoçam, ardem e dão vida aos mais variados pratos. Por fim, a suavidade do coco perpassa duas ações que gerem a alimentação: beber e comer. Da água, espreme-se o gosto intrigante, que melhor se conecta ao ideal de “gosto de calor”, transcriando ele mesmo as sensações de dias marcados pelo desejo da sua refrescância. O coco também é parte de doces e de salgados que incorrem maciez e suculência em sua polpa carnuda de véu.

Figura 1: Lascívia baiana mesclada



Fonte: Oliveira, 2022.

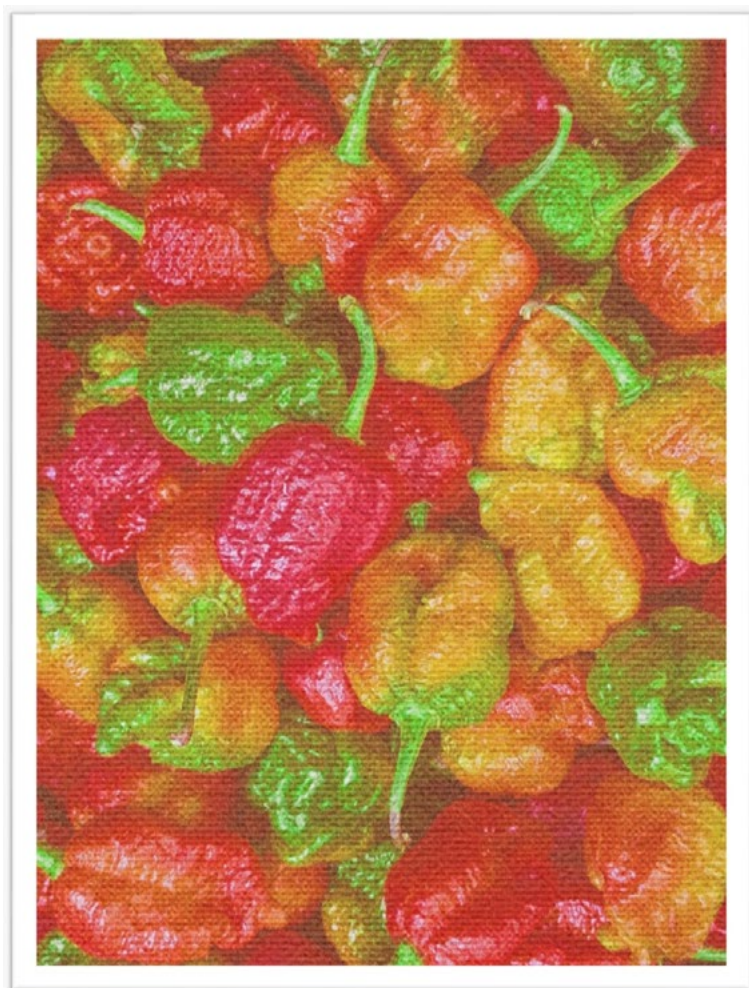
Nesse funcionamento, a coordenadora-pesquisadora movimenta a pesquisa questionando, provocando, intuindo, manipulando ingredientes, cozinhando, transcribando, capturando imagens e mostrando em cartoculinância as microrreceitas inventadas, fazendo assim micropolítica com esse modo de cartografar. A micropolítica aparece como faísca que faz pensar por fora das estruturas macroburocratizantes, que desafiam os modos de pensar, já que as receitas que aparecem no método são antes teóricas, coladas ao livro de receitas de Paloma Amado (1997) e depois práticas, tomadas pela autora, que manipula os ingredientes e os transcreve em versões dos quitutes que são textualizadas em *punctuns* barthesianos. Dessa forma, o *cartoculinar* vai se compondo como método vívido, volátil e orgânico “com os pratos da terra, temperados, cheirosos, picantes, coloridos” (Amado, 2012, p. 305), dotados de uma estética gastronômica refinada

que acende à escrita o deleite da leitura. A coordenadora-pesquisadora nesse processo é extremamente implicada e, para, além disso, implica o leitor, à medida que o convida a manipular receitas também e, a continuar a cartografia para além das páginas da investigação de mestrado.

Uma bela pintura aparece na fotografia, uma tela de ardência gentil. Nessa fotografia, há exuberantes formas e curvas, gama de cores quentes e chamativas de um verão na Bahia. Gabriela (Amado, 2012) usa-as com maestria – sabe quando ardem demais ou de menos – equilibra-se entre os sabores e os arrepios que provocam. Brinca com os coloridos dessas pimentas, assim como gosta de correr, rir alto, dançar sob o sol, fazer os pés criarem passos e as mãos mexerem a saia de chita de um lado para o outro, suspendendo-a esvoaçante. Ela volteia como ninguém, os braços vão e vêm num corpo que se divide e se junta, fazendo dobras e decidindo seus passos numa arbitrariedade sem quê aos padrões sociais da época – Gabriela é a própria e crua vontade.

O método *cartoculinar*, em sua composição com a culinária pela literatura, de certa forma, se vivifica como essas efetivas operações insurgentes, provocando dobras nos movimentos da pesquisa. Aprecia a invenção que outros “autores inventaram para inventar também” (Corazza, 2016a, p 101) possibilitando o uso da inventividade de outros para ousar a inventar (Almeida, Sá e Zordan, 2020). Isso, leva em consideração que não basta que a escrita desnaturalize ou tensione uma matéria, ela precisa, de certo modo, produzir um espaço de traição, de violação dessa matéria para que as pesquisas encontrem suas próprias fruições.

Figura 2: Tela de ardência gentil



Fonte: Oliveira, 2022.

De certo modo, uma pesquisa que tensiona a escrita de uma maneira subversiva – sem a obrigatoriedade da impessoalidade ou do vocabulário rígido marcado pela variedade padrão da língua portuguesa – é um desafio eminente na feitura do seu fazer. A excessiva protocolarização a que estamos submetidos em nossas atribuições com a escrita acadêmica e profissional, muito disso, herança do processo escolar e de contatos posteriores com a leitura e com a escrita, faz com que a tentativa mais “livre” (leia-se aqui livre por funcionando com literatura e culinária), seja, inicialmente, dolorida, forçosa e exprimida.

Assim, o *cartoculinar* como método de pesquisa posiciona-se como diferente dos grupos majoritários acadêmicos, e afínico a “muitos dos quais, no começo, nem sabiam ser nominados, mas, tão-somente, praticados” (Corazza, 2020, p. 13). Move-

se atravessado pela culinária na ação da escrita da função de uma coordenadora pedagógica que tensiona forças distintas, à medida que acessa territórios de maneira sensível para estar no processo, na sua experiência e manipular ideias que, ao serem traduzidas, transcriam-se de forma não convencional, dando vazão para a invenção de outras escritas – aquelas sujas (Corazza, 2020).

O método expressa-se pelos mapas de encontros, desenrolando-se com inventividade, “experimentado e assumido enquanto uma atitude de pesquisa” (COSTA, 2014, p. 70), constituído em linhas e entrelinhas no desenrolar da pesquisa, tomando as intensidades do percurso de cartoculinar as microrreceiras como necessária para seu processo de efetivação como motor pesquisal. Logo, encontros na cozinha são realizados com três autores para arrastar força conceitual na pesquisa e povoar os atos de quem ora pesquisa, ora questiona e ora escreve sobre a função da escrita na própria experiência de coordenar. Nesse processo, o *cartoculinar* tangencia um estilo entrecortado pela literatura e pela manipulação de ingredientes culinários de receitas tipicamente baianas que vai se movimentando na experiência de ler, traduzir, inventar, escrever e de mostrar em uma confluência literária do baiano Jorge Amado (2012), do escritor francês Barthes⁹ (1974; 1984) e de Guattari¹⁰ (1987), com a micropolítica de (1987).

Isso escoia pelas porosidades em transcrição (Corazza, 2020), permitindo situações de vida, espaços e tempos, traduções outras que prossegue “ligada à matéria-fonte [para que] seja revitalizada” (Corazza, 2016b, p. 287). Nesse caso, a matéria funciona como um “compósito de experimentações de pensar, escrever e ler” (Corazza, 2016b, p. 289) com harmonia conceitual não homogeneizada e com rigor pesquisal para a constituição de um só corpo – o método, aquele que pode fazer funcionar aquilo que se queira colocar no forno – o funcionamento da pesquisa. A autora manipula receitas ao transversalizar uma espécie de arquivo da culinária baiana de Jorge Amado, a saber: *A comida baiana de Jorge Amado ou o livro de cozinha de Pedro Arcanjo com as merendas de Dona Flor* (2003) e *As frutas de Jorge Amado ou o livro de delícias de Fadul Abdala* (1997), ambas obras de Costa¹¹. De um modo geral, as receitas presentes nesses “arquivos” alimentam e saciam a legião de personagens que povoa as escritas de Jorge Amado. Consoante a isso, Costa (1997) diz se deparar com:

[...] a culinária baiana, rica e mestiça, em suas duas feições originais: aquela do dia a dia do povo baiano e a outra, ritual e mística, que alimenta os orixás

9 Toma-se escritura e fotografia do literário Roland Barthes extraído das obras *Novos ensaios críticos: seguidos de o grau zero da escritura* (1974); e *A câmara clara: nota sobre a fotografia* (1984).

10 O termo se refere ao pensamento de Félix Guattari extraído da obra *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo* (1987).

11 A escritora Paloma Jorge Amado Costa, investiga as obras do seu pai, escritor Jorge Amado e coleciona nomes de comidas, formas de cozinhar e envolve com arte alguns trechos dessas obras, extraindo receitas para pratos saborosos trazidos pelos personagens. Faz um estudo dessas obras inventadas, especialmente na experimentação dos sabores apreciados na culinária baiana.

e seus filhos nos candomblés. Mas não se limita a pratos elaborados [...], com igual importância aparecem as frutas. [...] Sobre a cozinha ritual pretendo escrever um dia, mas preciso antes ampliar meus conhecimentos a respeito do assunto, tão cheio de mistérios. Agora, [...] as frutas de Jorge Amado, elemento importante que colore e perfuma seus romances, que permite a sobrevivência do homem, pois a terra generosa as oferece em abundância, [...], de graça nos quintais, fazendas e nos interiores do país, ingredientes preciosos de tantos pratos salgados e doces. Dando cor e aroma aos mercados e as feiras, elas criam ambientes, aproximam personagens, viram mesmo personagens, como acontece com o cacau, poderoso senhor a comandar a vida de trabalhadores e coronéis em tantos romances (COSTA, 1997, p.13).

Embrenhar-se pelo escorrimento dessa culinária para manipular algumas receitas tem cabimento pelo amparo não somente em virtude do território geográfico do corpo pesquisal, que é baiano, mas, principalmente, pela potência de uma escrita outra que carrega a subjetividade de um lugar com “primazia na arte culinária do país, [que altera] profundamente as iguarias [resultando num produto] saboroso, agradável ao paladar mais exigente” (Costa *apud* Querino, 1997, p. 7). Um método em pesquisa entrelaçado com a culinária pela literatura e aliançado à Filosofia da diferença propicia a multiplicidade de leituras em feitura de quitutes com ingredientes saborosos, altamente pigmentados e de cheiro pujante frente aos muitos costumes de um povo baiano.

A imparcialidade, a neutralidade e a distância não se aplicam no método *cartoculinar*, ao contrário: as mãos manipulantes denunciam o quão suja está a pesquisa movimentada nesse método, porque a cartografia “é uma prática de pesquisa suja” (Costa, 2014, p. 71) por estar intimamente ligada à manipulação que provém de uma sujeira da prática. Eis, então, um método fluido, único para um estudo que se propõe uma concepção pela aglutinação: carto (cartografar) + culinar (culinária), sem carregar nenhuma intenção de definição das palavras, pois a definição de *cartoculinar* é exteriorizada na cartografia atravessada pela culinária, na ação do movimento da escrita pela literatura tendo como forte característica - o movimento.

Pode-se dizer que esse método não comunga com o movimento de linearidade traçado e esperável, pois “possibilita extravasar a pesquisa acadêmica, vivenciando as multiplicidades abertas às porosidades da tentativa inventiva” (Oliveira, 2022, p. 54). Instaura, com isso, um sentimento de desguarnecimento e de fragilidade na pesquisa que lança à ruptura convencionalidade acadêmica. Nessa esteira, o *cartoculinar* envolve acontecimentos que fogem ao maior, à macropolítica, a gestos do que se passa enquanto se respira pelos signos diversos do ato de fazer uma escrita política. É notável que o método é forjado pela imperiosidade de que a coordenadora-pesquisadora “faça política envolvendo o ato de escrita” (Oliveira, 2022, p. 54) nos minúsculos movimentos aos quais atenta enquanto problematiza a escrita da função da coordenação pedagógica.

Tensão na escrita

A escrita da função de uma coordenação pedagógica, por vezes, se efetiva como instrumentalizada, regida pelos protocolos de organização e legitimada pela legislação. Ocorre que o funcionamento desse texto no movimento da organização textual maquínica, dada a sua ação sobre os corpos das pessoas, acarreta esgotamento pela manutenção de uma ordem institucional e social (Borges, 2018). O maquínico da organização linguística é, também, parte de agenciamentos da engrenagem capitalista da sociedade, que, conforme Borges (2018) tendem a formar trabalhadores-alunos, aqueles indivíduos com capacidade exploratória apenas superficial e nível de inventividade limitado, forjados especialmente para um mercado de trabalho repetitivo e que não demanda, absolutamente, dispêndio intelectual. Os protocolos de organização são fundamentados nas produções denominadas de “âncoras teórico-práticas de um determinado saber” (Borges, 2018, p. 176), tão necessárias para o sustentáculo da política de economia em que inclui a educação com a necessidade de produção do sujeito gerando mais e mais lucro para quem mantém o sistema e posições de poder.

Partindo do que coloca Deleuze (1992, p. 17) sobre a escrita como um “fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relações de corrente, contracorrente, de redemoinho com outros fluxos”, entendemos que conceber e escrever ideias não é fácil, pois elas são uma obsessão, vão e voltam, se afastam e tomam formas diversas (Deleuze, 1997). Nesse fluxo criativo, o método *cartoculinar* se impõe em si mesmo, permitindo desguarnecer fronteiras para desenrolar uma pesquisa que possa disparar questionamentos e tensionamentos.

O método *cartoculinar* na pesquisa faz com que essa, se desenvolve como o crescimento de uma grama subversiva que vai tomando os espaços menos esperados, mais refugados (Costa, 2014) e pode incomodar quem está sempre calcado somente em padrões universalizantes. Isso não invalida a pesquisa clássica acadêmica, a qual já foi citada e adjetivada neste estudo, porém, cabe trazer que ainda é tímido no campo da educação o contingente de escritas que subvertem as macrodeterminações universais. Em verdade, inventar um método que se desenrola pela experimentação não é tarefa simples, “é uma questão que cabe de modo a ir mostrando o fazer distinto a cada destino” (Oliveira, 2022, p. 54) do acaso que o corpo pesquisal se lança, e se permite aos desafios de transgredir ao naturalizado em prol da liberdade de escrita. O possível de fazer uma pesquisa em que o método é inventivo como o *cartoculinar*, quem sabe seja a tarefa mais desafiadora, pela reivindicação de “espremer as palavras e de torcer a língua, de botar a guinchar os textos e de trapejar as práticas da tradição na pesquisa” (Corazza, 2020, p. 14) que, por vezes, nos tomam por sensações momentâneas que fogem aos nossos pensamentos e visões, nos atijando para vocábulos e expressões capazes de destrinchar os questionamentos e as sensações provocadas nos movimentos da pesquisa.

A criação de um método volátil e inacabado mobiliza os territórios subjetivos que circundam não só o tema de pesquisa como também o compósito das potências de vida do pesquisador. Com isso, a pesquisa assume um compromisso de escritura

(Barthes, 1974) em movimento de possível mudança de direção, a fim de que seja o método aquele a se adequar aos fluxos pesquisais. Para além disso, o *cartoculinar* acende a possibilidade de que mais métodos sejam inventados em pesquisas em Educação.

CONCLUSÃO

Ao retomar a provocação que levou à escrita deste texto, “como se movimentava o *cartoculinar* como método de uma pesquisa?”, entendemos que a matéria própria da Educação é movente, o que permite inventivos de estilos próprios de investigação. Dessa forma, envoltos pelas tensões e negociações necessárias para o rigor almejado - rigor este, que se distancia da pretensão de alcançar a pureza do conhecimento e o festejo do final feliz (Almeida, 2020) - pesquisadores se lançam a um imaginário na inventividade de metodologias envoltas por derivas, ambivalências, ambiguidades, incongruências e até contradições.

Assim, as tramas do *cartoculinar* apontam que esse método vai sendo constituído no processo de feitura do texto, estando em constante mutação, sendo, portanto, movente, inventivo, insurgente e autoral.

A proposta de falar sobre um método que está (e provavelmente estará) sempre inacabado, abre possibilidade para que mais métodos sejam inventados em pesquisas, para que essas pesquisas ressoem mais os sobrevoos dos estudos do que as determinações naturalizadas sobre os trabalhos científicos, do mesmo modo que cabe a qualquer sujeito ou coordenação pedagógica o ato de *cartoculinar*. Em pesquisar, portanto, há, como diz Corazza (2016b), um tanto de fazer tradução da matéria fonte, a qual se pesquisa, aquela que, por vezes, ocupa grande e longo espaço de leitura e análise em nossas vidas.

Nesse processo, o estranhamento e a diferença são viscerais no ato de pesquisar, o que não configura o delineamento de algo concreto, mas a diagramação das possibilidades de um fazer política pela manipulação de corpos situados, tendo em vista a força imanente que é a própria vida.

Em suma, *cartoculinar* como método pesquisal coletou rastros literários, conceituais e experiências da escrita de uma coordenação pedagógica com fito a uma possível quebra e volatilidade em pesquisa, sendo um potencializador do aprofundamento nas escritas acadêmicas, indicando que o campo da educação, povoado pelo aprender e pelo desaprender, carece de tentativas inventivas de possibilidades de (re)pensar a pesquisa, torcê-la de modo a propiciar leituras outras e acepções novas, baseadas muito mais nas experimentações do texto do que somente em sua revisão teórica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica; SÁ, Maria Roseli de; ZORDAN, Paola. **Criações e métodos nas pesquisas em educação**. Porto Alegre: UFRGS, Nota Azul, 2020. p. 427. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33332>.

ALMEIDA, Verônica Domingues. *Caosgrafias*: quedas livres no universo do possível das pesquisas em educação. In: ALMEIDA, Verônica; SÁ, Maria Roseli de; ZORDAN, Paola. **Criações e métodos nas pesquisas em educação**. Porto Alegre: UFRGS, Nota Azul, 2020. p. 41-67. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33332>.

AMADO, Jorge. **Bahia de todos os Santos**: guia de ruas e mistérios. Ilustrações de Carlos Bastos. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977. 429 p.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 358 p.

BARTHES, Roland. **Novos ensaios críticos**: seguidos de O grau zero da escritura. 1. ed. Tradução de Heloysa de Lima Dantas e Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974. 167 p.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castanñon Guimarães. 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 185 p.

BORGES, Bruno Gonçalves. **Adeus, formação**: o anti-Emílio anunciador do conceito de programa de vida. 2018. 326 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Uberlândia, 2018.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [2023] a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 jan. 2023.

CORAZZA, Sandra Mara. Metodossófia: contrato de tradução. In: CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Métodos de transcrição**: pesquisa em educação da diferença. São Leopoldo: Oikos, 2020. p. 13-33.

CORAZZA, Sandra Mara. **Manual infame, mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação**. Em Tese, Belo Horizonte, v22, n. 1, p. 95-105, 2016a. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/11157/9736>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa empírica-transcendental da diferença: arquivo, escrituras e tradução de dados. In: KOHAN, Walter Omar; LOPES, Sammy William; RIBEIRO, Fabiana Fernandes (org.). **O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita**. Rio de Janeiro: NEFI, 2016b. p. 327-339.

CORAZZA, Sandra Mara. **O docente da diferença**. Revista Periferia, vol. 1, n. 1. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009. p. 91-110.

COSTA, Luciano Bedin da. **Ainda escrever**: 58 combates para uma política do Texto. São Paulo: Lumme, 2017. 74 p.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66 -77, maio/ago. 2014.

COSTA, Paloma Jorge Amado. **A comida baiana de Jorge Amado ou livro de cozinha de Pedro Archanjo com as merendas de Dona Flor**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 312 p.

COSTA, Paloma Jorge Amado. **As frutas de Jorge Amado ou o livro de delícias de Fadul Abdala**. São Paulo: Companhia das letras, 1997. 206 p.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. L'abécédaire de Gilles Deleuze, entrevista feita por Claire Parnet, filmada e dirigida por Pierre-André Boutang. Paris: Vidéo Éditions Montparnasse, 1997c. In.: **O abecedário de Gilles Deleuze**. Transcrição integral do vídeo para fins exclusivamente didáticos. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsujeducu/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. Tradução de Rolnik Suely. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 233 p.

LAURO DE FREITAS. **Lei n. 1.375 de 23 de junho de 2010**. Dispõe sobre a redação, alteração e consolidação das leis que versam sobre o estatuto e o plano de carreira e remuneração do magistério público do Município de Lauro de Freitas, na forma que indica e dá outras providências. Lauro de Freitas, [2023] b. Disponível em: <http://leismunicipa.is/hstmc>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MACEDO Roberto S.; GALEFFI Dante; PIMENTEL Álamo. **Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/206/1/Um%20rigor%20outro.pdf>

OLIVEIRA, Patrícia dos Santos Costa de. **Uma coordenação pedagógica e sua escrita**. 2022. 274 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Caxias do Sul, 2022.

MATOS, Sônia Regina da Luz. Devir-método aranha. CUNHA, Claudia Madruga. (Org.). In: **Cartografia: insurgências metodológicas e outras estéticas da pesquisa**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p.144-160. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/9711c4_cb68217ca6fa43a7aaa12023acee8755f.pdf. Acesso em: jan. 2023.

ZORDAN, Paola. Modos e maneiras de escrever uma pesquisa. In.: **Revista Digital do LAV** Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 117-130 - mai./ago.2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815109>.